

# Bons cursos, acesso restrito

Ter acesso a um ensino profissionalizante de qualidade é privilégio de poucos no país. Segundo o especialista Cláudio Moura Castro, em contraste com o ensino acadêmico, a formação profissional privilegia a qualidade, mas não consegue atender senão uma fração pequena de felizardos.

“As agências especializadas em formação profissional, como o Senai e o Senac, preocupam-se mais com seus mercados e clientes do que com o tamanho da população que poderia almejar algum tipo de treinamento”, comenta Moura Castro. “Isso nada tem de errado. O que problema é que não há qualquer instância cuidando dos milhões que sobraram sem uma escola séria ou treinamento que compense a deficiência escolar”.

Para o especialista, uma vez que o Ministério da Educação “jamais se interessou verdadeiramente pelo assunto” e o Ministério do Trabalho é uma instituição “frágil” que contrasta com as “fortalezas” que são os dois serviços de formação, seria bem-vindo se o Senai se ocupasse em ampliar seus horizontes.

“O Senai não pode abandonar sua vocação cinquentenária de formar para a indústria moderna, já que não há como substituí-lo. No entanto, sem comprometer seus objetivos, a entidade deveria também pensar nos que *sobraram* e criar programas menos caros, que atinjam um público compatível com a demografia brasileira”.

Moura Castro propõe que o Senai adote o *modelo Mc Donalds* de proliferação, criando *franquias* de formação profissional pelo país. “Quem quisesse oferecer treinamento receberia do Senai materiais de ensino, modelos de organização, formação de instrutores e apoio no controle de qualidade, como acontece nas franquias”, propõe. “Seria o *Mc Donalds* do treinamento”. (E.B.)